

# Bush e a batata de Quayle

O GLOBO

9 JUL 1992

JOSÉ SARNEY

**B**ush ganhou a Guerra do Golfo. Bush assistiu à derrocada do mundo comunista, Bush foi testemunha, durante o seu Governo, da maior transformação política da história da humanidade. Bush viu os Estados Unidos assumir solitário o lugar da supergrande potência, incontrastável. Mas, em todos esses acontecimentos, ele passou palidamente, como o sol pela vidraça, sem deixar marcas. Talvez não haja notícia, na história, de um político que tenha vivido tempos de tantas transformações, sem deles participar. É velha a sabedoria de que a vitória tem muitos pais e a derrota é órfã. No caso de Bush, não lhe é debitada nem a vitória, nem a derrota.

A televisão, na sua nova dimensão política, massificou a sua imagem de um homem que não transmite convicções e nem lhe faz a injustiça de ser considerado um histrião. É a imagem de um bom aluno, estuda a lição, recita as respostas viáveis, mas não vai mais além. Perot foi o primeiro a ameaçá-lo e ameaçou destruir o sistema bipartidário americano, de mais de 150 anos, avançando sobre o vazio. Há uma frustração muito grande na sociedade america-

na. A vitória sobre o comunismo voltou-a para a reflexão dos seus problemas internos. A recessão é devastadora. O desemprego aumenta a cada instante. O slogan de que "Saddam Hussein manteve o seu emprego e você perdeu o seu" tem uma força de demonstração e realidade difícil de negar.

Bush é o mais fraco dos presidentes republicanos desta era. Nixon, com a frouxidão de seus parâmetros éticos, se recupera na purgação dos seus erros e passa a ocupar um espaço na história, como homem que abriu os caminhos para as mudanças internacionais: China, Vietnam, acordos dos foguetes de alcance médio, a aproximação com a ex-URSS e a formulação de uma política estratégica: a doutrina Kissinger por ele adotada, cujos resultados finais levaram Fukuiama a dizer que hoje vivemos "o fim da história", com a vitória do liberalismo.

Agora, as linhas da sucessão americana estão definidas. Há uma grande chance para o Partido Democrata. Perot saiu estrategicamente. Ele murchou. Bush está murchando, dia-a-dia, e somente um milagre poderá salvá-lo. No meio de seus infortúnios ainda apareceu Dan Quayle, com as suas batatas. Não sabe escrever **potato** e induziu um estudante, com as câmaras de TV no ar, a cometer um erro ortográfico. O garoto reagiu: "O

vice-presidente me induziu a errar a palavra. Ele é um ignorante!" Desastre grande.

Para aumentar a marcha dos maus ventos, Clinton escolhe Gore para companheiro de chapa, um homem sério, com uma tradição de grande valor moral e lutador ecológico. Graciliano Ramos dizia que a revolução comunista no Brasil fracassou, por causa do português. A palavra de ordem era a famosa frase de Lenine, que foi traduzida para "operários, uni-vos", pintada em todos os muros e gritada em todas as militâncias. Simplesmente, os trabalhadores não sabiam o que era a erudita forma "uni-vos". Machado de Assis, mestre, já dizia: "Aos vencedores as batatas." Agora, a campanha presidencial americana tropeça na ortografia das batatas.

Enquanto a campanha ferve, ferve a Europa. A desintegração nacionalista ameaça a estabilidade do novo mapa do poder: leia-se Estados Unidos, húngaros, ciganos, alemães, polacos, ucranianos reacendem a fogueira da calha eslovaca, com os dois Estados criados no centro da Europa. Na Croácia, sérvios, checos, albaneses e italianos da Istria ferverem. O conflito Bósnia-Herzegovina é para durar, com sérvios, croatas e muçulmanos, mesmo com a reação internacional. Há refugiados por to-

dos os lados. Na Albânia, gregos e turcos; na Polónia, alemães, ucranianos e judeus; na Hungria, eslovacos, ciganos e alemães; na Moldávia, russos, ucranianos, quaguases e judeus; na Macedônia, albaneses, gregos e búlgaros; na Bulgária, os turcos; na Roménia, os húngaros e ciganos. Nem a Rússia escapa, com muitos movimentos internos. Idiomas, etnias, fronteiras não coincidem. A história volta. Há uma salada e um quebra-cabeça insolúvel. Todos esperam o milagre que não veio com as mudanças. A economia de mercado não chega. As velhas estruturas resistem e a força dos nacionalismos fomenta paixão e violência.

E nesse quadro que a eleição americana vai se processar. Clinton afirmou para quem quiser ouvir: "Nós estamos prontos para utilizar de maneira decisiva a Força Armada para defender nossos interesses vitais." É o Partido Democrata no "direita, volver". Parece a voz do velho Theodore Roosevelt. E Bush? Ele está enroscado em suas debilidades, acrescidas pela ortografia e pela educação. Miller, governador da Geórgia, disse dramaticamente na Convenção de Nova York: "Se Bush tiver mais quatro anos, nossos filhos não saberão mais escrever **batata**."

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.